

Cronologia de um crime no século XX. O roubo do Senhor Bom Jesus do Saivá, em Antonina, Paraná, Brasil*

*Cláudia Eliane P. Marques Martinez***

Resumo. O objetivo deste artigo é estudar alguns aspectos da história que envolve o roubo de uma obra de arte na cidade de Antonina (PR), em 1984. A imagem do Senhor Bom Jesus do Saivá, trazida de Portugal, em meados do século XVIII, pelo Capitão-mor Manoel José Alves, sumiu misteriosamente do altar-mor da igreja onde esteve depositada por quase 200 anos. Revolta, comoção e reações dos membros da Irmandade e da sociedade em geral, decorrentes desse acontecimento, serão o foco das análises e críticas aqui empreendidas. O desenrolar dos acontecimentos e os desdobramentos desse episódio (histórico-policia) remetem a várias questões referentes ao patrimônio cultural religioso no Brasil, bem como a aspectos da identidade coletiva e, por fim, à relação da comunidade com seus bens tangíveis e intangíveis.

Palavras-chave: Imagem do Senhor Bom Jesus do Saivá; Roubo de arte sacra; Século XX, Antonina, Paraná, Brasil.

Chronology of a 20th century crime: The theft of the statue of Bom Jesus do Saivá in Antonina PR Brazil

Abstract. Current paper studies some historical aspects that involve the theft of a religious statue in Antonina PR Brazil in 1984. The statue of Senhor Bom Jesus do Saivá, brought from Portugal in the mid-18th century by Captain Manoel José Alves, mysteriously vanished from the high alter of the church where it had laid for almost 200 years. Revolt, commotion and reactions from the Solidarity members and the general public are the object of current analysis and critique. The development of several occurrences and the aftermath of this historical and police episode bring to the fore several issues in the religious and cultural heritage in Brazil, aspects on collective identity and the relationship of the community with its tangible and intangible goods.

Keywords: The statue of Bom Jesus do Saivá; Theft of religious artwork; 20th century; Antonina, Paraná, Brazil.

* Artigo recebido em 09/07/2013. Aprovado em 09/12/2013. Pesquisa financiada pela Fundação Araucária/PR, Brasil.

** Professora do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História da UEL, Londrina/PR, Brasil. E-mail: cepmarques@uol.com.br

Cronología de un crimen del siglo XX: El robo del Buen Señor Jesús de Saivá, en Antonina, Paraná, Brasil

Resumen. El objetivo de este artículo es estudiar algunos aspectos de la historia relacionada al robo de una obra de arte en la ciudad de Antonina (Estado de Paraná, Brasil), en 1984. La imagen del Buen Señor Jesús de Saivá, que había sido traída de Portugal a mediados del siglo XVIII, por el Capitán Mayor Manoel José Alves, desapareció misteriosamente del altar mayor de la iglesia en la cual había permanecido durante casi 200 años. Aquí serán analizadas las consecuencias de este acontecimiento, como la conmoción y las reacciones de los miembros de la Hermandad y de la sociedad en general. La explicación de los acontecimientos y de las consecuencias del episodio (histórico-policial) remiten a varias cuestiones referidas al patrimonio cultural religioso de Brasil, como así también a aspectos de la identidad colectiva y, finalmente, a la relación de la comunidad con sus bienes tangibles e intangibles.

Palabras Clave: Imagen del Buen Señor Jesús de Saivá; Robo de arte sacra; Siglo XX; Antonina, Paraná, Brasil.

Introdução¹

Revoluções e agitações políticas abalaram o cenário europeu em 1789 e transformaram o panorama sociocultural na América portuguesa. Do outro lado do Atlântico, os franceses redefiniram modelos de governança, enquanto nos trópicos a tentativa frustrada dos inconfidentes mineiros, se não logrou sucesso, ao menos colocou em xeque o poder metropolitano. Como nem só de insurreições e guerras se faz a História, naquele mesmo ano de 1789, no interior do Paraná, antiga comarca de São Paulo, a família do Capitão-mor Manoel José Alves lutava para curar a grave enfermidade sofrida por Dona Serafina Rodrigues Ferreira Alves, esposa do referido Capitão. A cura de sua moléstia foi atribuída à fé que o casal devotava à imagem do Senhor Bom Jesus do Saivá,

¹ Este artigo faz parte do Projeto de Pesquisa “Barroco no Sul do Brasil: arte, política, imagem e representações”, posteriormente denominado “Patrimônio Cultural Religioso no Paraná”. A pesquisa que resultou neste artigo contou com financiamento da Fundação Araucária. Agradeço aos alunos que participaram do projeto auxiliando na pesquisa de campo e na formação de Bancos de Dados.

trazida de Portugal alguns anos antes. Em agradecimento pelo “milagre” alcançado, o Capitão Manoel mandou construir, nas proximidades de Antonina (hoje cidade do Paraná), um templo religioso dedicado, então, ao Santo de adoração.

Não se sabe com certeza a origem do adjetivo atribuído ao Santo, mas a informação contida no Dicionário Histórico e Geográfico do Paraná informa que Saivá “primitivamente era sítio que pertenceu ao Barão do Serro Azul” e mais tarde tornou-se “bairro no município de Antonina, contíguo a cidade a três quilômetros” (LEÃO, 1994). Apesar do verdadeiro significado do nome Saivá, sabe-se que a devoção à imagem de Bom Jesus adquiriu, na América portuguesa, atributos e características singulares. Exemplo disso é o Bom Jesus da Cana Verde, muito cultuado no interior de São Paulo e cujo tradicional cajado de madeira foi substituído por um pedaço de cana-de-açúcar ainda não amadurecida (BOSI, 1992).

Em relação à ermida, que abrigava a imagem sacra do Senhor Bom Jesus do Saivá, trata-se de uma construção de estilo bastante rústico e trabalho executado possivelmente por escravos. A Capela ainda não estava concluída, quando seu primeiro patrono faleceu em 1837 e, ao longo do Oitocentos, passou por ampliações. Somente no começo do século XX a construção foi finalmente acabada. Este artigo não tem como objetivo principal inventariar a história da igreja ao longo do século XIX, quando foi criada a Irmandade do Bom Jesus,² tampouco trilhar sua peregrinação, destacando as várias intervenções sofridas até o tombamento, em 1970, pelo órgão estadual responsável pelo patrimônio histórico. O que nos motivou a escrever este trabalho foi a história de um crime: o roubo da imagem do Senhor Bom Jesus

² A data mais antiga que se tem registrada, até o momento, sobre a história do Senhor do Bom Jesus do Saivá é 3 de maio de 1869, ano da criação da Sociedade Religiosa do Senhor do Bom Jesus do Saivá, com a finalidade de concluir a construção da capela. Ver Boletim do Arquivo do Paraná (n. 14, 1984, p. 17).

do Saivá em 1984. A cronologia dos fatos que envolvem esse episódio remete a várias questões referentes ao patrimônio cultural no Brasil, bem como a aspectos da identidade e, por fim, à relação da sociedade com seus bens tangíveis e intangíveis. É a partir das três questões destacadas que os problemas serão examinados em tela.

Para tanto, foi necessário revisitar Antonina em 29 de janeiro de 1984. Naquela noite, a imagem do Bom Jesus sumiu misteriosamente do altar-mor, lugar onde esteve depositada por quase 200 anos. Na manhã seguinte, quando foram fazer a habitual limpeza, as beatas descobriram o vazio no altar; somente o manto bordado havia sido deixado para trás.

A imagem do Senhor Bom Jesus do Saivá

A escultura de madeira do Senhor Bom Jesus do Saivá, confeccionada na segunda metade do século XVIII, provavelmente em Portugal, tem aproximadamente 35 cm. A história relativa à sua origem não é totalmente conhecida. A versão mais provável é a de que, quando o Sr. Manuel José Alves imigrou para o Brasil, trouxe consigo o Santo de sua devoção. Embora não se tenha certeza da veracidade dessa versão, o que interessa destacar é que se trata de uma escultura setecentista, feita por hábil artesão; prova disso são os traços barrocos muito delicados e, ao mesmo tempo, muito expressivos, como se pode observar na Figura 1.³

O traslado de santos e oratórios, quando da migração de pessoas nos séculos passados, era muito comum. No Museu do Oratório, em Ouro Preto (MG), é possível conhecer centenas desses altares domésticos que eram transportados pelos caminhos de Minas Gerais, no lombo de burros.

³ Para uma discussão aprofundada do tratamento dado às fontes visuais (iconografia, iconologia) como uma dimensão da vida social e dos processos sociais ver o texto do Ulpiano Toledo Bezerra de Menezes (2003).

Verdadeiros corredores por onde escoava a produção aurífera e alimentar,⁴ ligando o interior ao litoral. As estradas coloniais eram repletas de saqueadores que se aproveitavam da vulnerabilidade dos viajantes para roubos e emboscadas.⁵ Por isso, santos e amuletos constituíam companhias obrigatórias; davam aos homens e mulheres uma aparente sensação de segurança, encorajando-os a executar as inóspitas incursões ao sertão do Brasil.

Como já dito anteriormente, a história referente ao Santo em destaque nos leva, agora, ao século XX, mais precisamente ao ano de 1984. Naquela noite de 29 de janeiro, o ex-padre Marcos de Sá Moura levou consigo o bem mais precioso dos membros da Irmandade: a imagem setecentista do Senhor do Bom Jesus do Saivá. Não demorou muito para o furto ser descoberto. O vazio deixado no altar-mor não passou despercebido pelos devotos e beatas que frequentavam diariamente a capela. A comoção foi geral: não só os membros daquela comunidade religiosa se indignaram com a ousadia do(s) raptor(es), mas toda a cidade se mobilizou frente ao acontecido. Afinal, a imagem furtada constituía uma peça importante, um bem tombado pelo patrimônio estadual e que, portanto, dava àquela urbanidade não só destaque no cenário religioso, como também no campo das artes e da cultura do Estado do Paraná. Para Maria Cecília Londres Fonseca:

no caso dos patrimônios históricos e artísticos nacionais, o valor que permeia o conjunto de bens independente de seu valor histórico, artístico, etnográfico

⁴ Uma série de trabalhos que enfatizam a importância do mercado interno no Brasil pode ser mencionada. Para citar alguns exemplos que convergem para esta discussão, ver principalmente os estudos desenvolvidos por Clotilde Andrade Paiva (1996). Ver também a coletânea sobre a História do Paraná, especialmente os livros de Santos (2001) e de Trindade e Andreatza (2001). Embora a coletânea tenha como foco textos introdutórios, é possível não só ter um panorama dos últimos debates e questões envolvendo a história do Paraná, bem como uma ampla bibliografia a respeito dos temas que envolvem a população, economia, sociedade e cultura paranaense.

⁵ Os viajantes estrangeiros que percorreram o Brasil nos séculos XVIII e XIX salientaram as dificuldades das estradas e caminhos e como estes eram ermos e perigosos. Ver principalmente os diários de Augusto Saint-Hilaire (1975; 1978), citados na bibliografia deste artigo.

etc., é o valor nacional, ou seja, aquele fundado em um sentimento de pertencimento a uma comunidade, no caso a nação (FONSECA, 2005, p. 36).

Em relação ao patrimônio local religioso, o valor se pauta em aspectos semelhantes. Para além da questão histórica, o bem é reconhecidamente um objeto que confere não somente identidade religiosa, mas também cultural e artística. Certos artefatos religiosos, em especial a arte sacra, transformam-se em catalisadores e difusores de sentidos, anseios e desejos da população. A representação social e o simbolismo de imagens sacras como a do Senhor do Bom Jesus tornam-se ícones, “fetiches de identidades de alto poder de comunicação” (MENESES, 1993).

Figura 1. Senhor Bom Jesus do Saivá, século XVIII



Fonte: Foto de Cláudia Martinez, 2012.

Paralelamente à percepção de pertencimento do grupo, os membros da comunidade também exaltam a questão da distinção. Ou seja, a imagem sacra – de valor histórico e artístico reconhecido pelo órgão estadual de patrimônio – confere, em razão disso, certo prestígio e *status*. Do mesmo modo, pode-se dizer que “é o valor cultural atribuído ao bem que justifica seu reconhecimento como patrimônio e, conseqüentemente, sua proteção pelo Estado” (FONSECA, 2005, p. 38).

Embora a salvaguarda dos bens patrimonializados ou de reconhecido valor cultural para a sociedade seja de responsabilidade do poder público, na maioria dos casos a anêmica proteção do Estado não impede que igrejas tombadas sejam saqueadas por ladrões e, até mesmo, por religiosos mal intencionados.⁶ O caso do ex-padre – ou falso padre – de Antonina é apenas um exemplo entre as centenas de episódios semelhantes ao longo da História do Brasil.

O trabalho de Simone Nolasco, por exemplo, nos apresenta um quadro complexo da devoção religiosa em Cuiabá. Expõe com prudência alguns dos grandes problemas que afetam o patrimônio: o descaso público, o desconhecimento de nosso próprio acervo, além dos roubos, saques e pilhagens da arte religiosa colonial. A raiz do problema é histórica, como aponta a própria pesquisadora.

Em 1757, a carta-denúncia enviada ao Rei Dom José I acusava os padres Joaquim de Barros e João Daniel de,

cometer o sacrilégio insulto de tirarem das igrejas que administravam os vasos sagrados e as imagens de santos, passando a cometer a impiedade de roubarem [...] daquelas imagens que deixavam ficar nas igrejas como

⁶ Segundo a Coordenação do Patrimônio Cultural do Paraná (CPC), em Antonina, são tombados os seguintes bens: Arquivo Municipal de Antonina, Fonte da Carioca, Igreja do Bom Jesus do Saivá, Igreja Nossa Senhor do Pilar e Serra do Mar em Antonina. Ver <http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/modules/conteudo/municipio.php>. Acessado: 4 maio. 2013.

resplendores de prata e de remeterem os mesmos vasos sagrados e imagens para o seu [...] frasqueiras e outros lugares sórdidos e indecentes (Carta Denúncia, apud NOLASCO, 2010, p. 107).

Em Antonina, o saque à igreja felizmente teve outro desfecho. Um ano e meio depois do seu desaparecimento, vários jornais do país trouxeram, estampada nas manchetes, a notícia que os antoninenses tanto esperavam.⁷ Além do Senhor Bom Jesus do Saivá, outras 22 peças sacras foram recuperadas na cidade mineira de Carangola. As reportagens informavam também as prisões do ex-padre Marcos de Sá Moura e dos demais membros da quadrilha, responsáveis por vários furtos de peças sacras em diversas cidades brasileiras (Figuras 2 e 3). A disposição das peças, propositalmente arranjadas na mesa e a manchete anunciando o resgate e a captura dos ladrões, denota e chama a atenção para a visibilidade que a mídia, os órgãos do patrimônio e a polícia, concomitantemente, apresentavam ao referido caso.

Quase toda a imaginária religiosa recuperada e destacada nos jornais encontrava-se na residência do funcionário do MEC, Jairo Hosken, que possuía também casa em Curitiba (PR). Segundo o *Correio de Notícias*, além dos indivíduos mencionados estava envolvido no caso o “desocupado Jaime Alves Barros, que já [furtara] dezenas de peças sacras e está foragido” (CORREIO DE NOTÍCIAS, 21 jul. 1985). Ele teria vendido a imagem do Senhor Bom Jesus a Hosken, por apenas Cr\$ 61.000 (sessenta e um mil cruzeiros). Ironicamente ou não, a peça setecentista foi localizada em Carangola (MG), na casa da mãe do mencionado funcionário do MEC, enfeitando, juntamente com badulaques e flores, a estante da sala de jantar.

⁷ Os recortes dos periódicos *Correio de Notícias*, *Jornal do Estado*, *Gazeta do Povo*, *Diário Popular*, com informações sobre o roubo foram consultados na Secretaria de Cultura do Estado do Paraná. Ver livros de Tombamentos da Igreja do Senhor do Bom Jesus do Saivá, pasta n. 25 – II. Gostaria de deixar meus agradecimentos aos funcionários da Secretaria pela disponibilidade e pela gentileza com que me receberam nas várias pesquisas realizadas nessa instituição, em especial aos historiadores Aimoré Arantes e Marcelo Polinari, que fizeram de tudo para agilizar a pesquisa e tornaram os dias gelados de junho mais agradáveis e calorosos.

Segundo depoimento do próprio Marcos de Sá Moura “as imagens do Bom Jesus de Saivá e outras cinco peças recuperadas pela polícia foram compradas em Curitiba. Jairo Hosken adquiriu tudo por menos de trezentos mil cruzeiros. As demais desconheço suas procedências” (CORREIO DE NOTÍCIAS, 21 jul. 1985). O ex-padre, que dizia pertencer à Igreja do Bispo de Malta, já tinha sido condenado a seis anos de prisão por estelionato, em 1981, época na qual solicitava donativos para obras religiosas que nunca foram concluídas.

Cabe perguntar o que ocorreu em Antonina, nesse período de um ano e meio sem a imagem do Senhor Bom Jesus do Saivá, que tanto confortava espiritualmente os fiéis da Irmandade? Como a população religiosa (e não religiosa) reagiu a esse acontecimento?

Figura 2. Jornal Diário Popular.



Figura 3. Jornal do Estado



Fonte: Imagens retiradas dos recortes dos jornais *Diário Popular* e *Jornal do Estado*, 1984. Acervo da Secretaria de Cultura do Estado do Paraná.

Estas indagações remetem a outra história tão instigante quanto a do próprio furto. Permitem refletir sobre a diferença entre *coisa* e *valor*. Do mesmo modo, sugerem pensar o significado simbólico da peça sacra, o que ela representa para a sociedade, bem como o que sua ausência pode suscitar. Em Antonina, o roubo, a princípio, ocasionou *comoção* e *revolta*, sentimentos comuns a qualquer evento dessa natureza, principalmente quando envolvem fé e espiritualidade.

Os sentimentos de *comoção* e *revolta* levaram Luiz Fernando Peixoto de Souza, membro da comunidade, fiel e devoto do Santo roubado, a compor uma poesia. Versos e melodias traduziam a dor e o enternecimento dos capelistas, como se pode observar nas estrofes transcritas aqui:

Bom Jesus do Saivá,

Oh que saudades do tempo
Em que d'hera.... triste abandonado
Acolhia em seu templo
Belo Senhor coroadado.

Seu sino festivo chamando
Todo povo reunido em oração
Sons de preces aos céus lançando
De todos, contritos em adoração.

Subitamente, quando amanhecia
Seu sino claro e alegre
Não tocou como sempre fazia
Sua nave ardia em febre.

Suas paredes tremiam
Seu coração sangrava
Suas velas não mais ardiam
Seu altar a todos mostrava...

Que houve? Que acontecerá?
Aos poucos todos compreenderam
Belo Bom Jesus não amanheceria,
Mãos cruéis o apreenderam.

Onde estará? Com quem?
Nada. Ninguém queria acreditar!
Bela imagem, do Senhor, que alguém
Levou furtivo para não mais voltar!

Este povo, seu filho, contrito,
Soluça com ânsia e ardor
Em sua garganta, preso um grito:
Devolvam nosso Belo Senhor!⁸

O furto em questão provocou ainda *reações* que culminaram na encomenda de uma nova imagem por parte da curadoria do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Paraná. E é esse o ponto que agora nos interessa mais diretamente.

A elaboração da escultura do novo Senhor Bom Jesus ficou ao encargo de Lafaete Rocha, artífice natural de Lapa (PR).⁹ A imagem confeccionada por Rocha foi entregue à comunidade de Antonina na primeira quinzena de julho de 1984 (portanto, 6 meses após o roubo da imagem original). Afinal, o manto da estátua furtada, cuidadosamente bordado pelas devotas¹⁰ e deixado para trás pelos ladrões, não podia ficar sem um *corpo* que o acolhesse; da mesma forma, o altar-mor não podia permanecer vazio.

A nova imagem, construída em madeira de imbuia, tem aproximadamente 39 cm, incluindo o pedestal de 3 cm por 16 cm, em sua largura máxima. Compreendendo o resplendor, toda a obra custou aos cofres

⁸ A poesia foi retirada do texto cedido por Dona Isa Azim (2000).

⁹ Segundo a Professora Claudia Santos Wiedmer, Lafaete Rocha nasceu em Lapa, em 5 de dezembro de 1934 e morreu em 2003, em sua cidade natal, aos 69 anos de idade. Para ajudar a família, Lafaete deixou de estudar aos dez anos e trabalhou como jardineiro, engraxate, pedreiro, carpinteiro e pintor de paredes. Segundo ainda Wiedmer, o artista “iniciou seu trabalho com animais e esculpiu figuras com temas diversos, como santos e elementos da natureza” (bois, cobras, tatus, tamanduás, sapos e cachos de banana). Também tinha vocação para a música: tocava gaita de boca, flauta, bandolim e cavaquinho. Tocando violão, “fez parte do conjunto musical ‘Copacabana’, em parceria com seu primo”. Participou de diversas exposições, inclusive da Exposição de Artistas Negros em Lagos, na Nigéria, representando o Brasil, e da Exposição de Arte Popular Brasileira, realizada em Paris. Em 1976 teve sua primeira exposição individual na Fundação Cultural de Curitiba. Expôs também no Museu Arte Contemporânea (MAC), na Sala de Exposições do Teatro Guaíra, na Sala do Artista Popular (Funarte), na Sala Miguel Bakum; na Casa Culpí, em Curitiba, na Caixa Econômica Federal, Lapa; no Paço das Artes, em São Paulo; no Salão Iguazu, em Foz do Iguazu; e em Londrina, entre outras. Ver <http://www.tribunaregionaldalapa.com.br/index.php?mod=3&cid=5457>. Acessado: 4 maio. 2013.

¹⁰ Segundo a setuagenária Dona Isa Maria Vieira Azim, professora e membro da comunidade do Senhor do Bom Jesus do Saivá, há mais de cinquenta anos existem “belos mantos, em brocado, cetim e veludo, doados nos últimos 50 anos e que fazem parte do acervo da Igreja do Senhor Bom Jesus do Saivá”. Texto manuscrito, cedido por Dona Isa Azim (2010).

públicos Cr\$ 290 mil (duzentos e noventa mil cruzeiros).¹¹ Outra ironia dessa história policial é que, segundo o depoimento do ex-padre, a imagem do Bom Jesus do Saivá e outras cinco peças tinham sido adquiridas “por menos de 300 mil cruzeiros”. Difícil saber a veracidade da informação fornecida pelo criminoso; entretanto, o que chama atenção é o fato de a imagem do século XVIII ter sido contrabandeada no “mercado negro” por bem menos que a aquela esculpida pelo santeiro em 1984. Houve, nesse caso, uma inversão de valores; a nova imagem, confeccionada no século XX, chegou a custar quase três vezes mais que a peça setecentista.

Para além do valor monetário, vejamos a força de outro valor, que, neste artigo, nos interessa mais de perto: o simbólico. Em Antonina, a nova imagem foi, de modo geral, recebida com respeito pelos membros da comunidade, mas um detalhe curioso chamou atenção. A opção estética adotada, quando da confecção da peça, foi a de aproximar os traços físicos do Santo aos dos moradores do litoral paranaense. De canelas finas e cor mestiça, o Santo acabou ficando conhecido e identificado como o Santo Caboclo, conforme mostra a Figura 4.

A proposta de Lafaute, ao aproximar a forma da escultura ao tipo físico do litorâneo, criando uma ligação quase humana entre o santo e seus devotos, certamente não foi aleatória. Percebe-se nessa atitude uma relação dialética, que articula etnia, classe social e ideologia. Muito provavelmente, motivos de cunho social e político devem ter direcionado as mãos do artesão ao esculpir a madeira, dando simetria humana singular à imagem divina.

Compete indagar, então: como a população religiosa interpretou e assimilou o novo Santo caboclo? Ele foi aceito e incorporado ao imaginário popular? Se sim, como se deu esse processo?

¹¹ O artesão Aldenir Elias de Oliveir confeccionou o resplendor, com aproximadamente 9 cm de diâmetro em latão comum, na cor dourada.

Embora a nova imagem tenha sido festejada, não deixou de provocar certa estranheza e, até, indiferença por parte de alguns membros da comunidade. Os traços mestiços – cor de pele escura, pernas esguias e finas, cabelo e barbas crespos – em nada condiziam com o Bom Jesus do século XVIII, que apresentava tez branca, cabelos finos e longos. Outro aspecto curioso é que a escultura feita por Lafaete Rocha não evidencia, nem tem como ponto central, a exibição das chagas vermelhas e ferimentos causados pela crucificação. Ao contrário da peça setecentista, o Bom Jesus do século XX não traz o forte apelo emocional e visual, nem a exaltação do sofrimento e dor que as esculturas barrocas buscavam provocar e suscitar na mente e nos olhos dos fiéis (Figuras 1 e 4).

Figura 4. Senhor do Bom Jesus do Saivá, 1984



Fonte: Foto de Cláudia Martinez, 2012.

Ao contrário, o Santo caboclo, com seu manto marrom-amadeirado, tem um olhar contemplativo e não nos remete diretamente ao sofrimento de Cristo. Suas mãos e pés avantajados nos reenviam aos meros mortais que manuseiam cotidianamente o arado, voltando a terra dura, ou a rede de pesca no mar revolto. O Bom Jesus de Lafaete é singelo, é sereno, e, por isso, parece convidar o fiel à contemplação. Seria essa a ideia que o artífice almejava transmitir e suscitar na mente dos fiéis?

Segundo o depoimento da professora, e devota da Irmandade, Dona Isa Maria Vieira Azim, quando o Santo caboclo chegou a Antonina alguns membros da Irmandade manifestaram-se contrários à sua estética “singular”.¹² Afinal, a imagem pouco, ou nada, lembrava o Santo de pele alva e características europeias. Seus traços mestiços, talvez muito próximos de suas vidas e realidades socioeconômicas, não agradaram, a princípio. As palavras de Eduardo Nascimento, retiradas de seu *blog* na internet, reafirmam o que foi dito por Azim. Segundo professor aposentado do Departamento de Design da Universidade Federal do Paraná, como a Igreja do Senhor do Bom Jesus do Saivá constituía um bem arquitetônico tombado e protegido por lei, coube à Secretaria de Educação e Cultura, por intermédio da Coordenadoria do Patrimônio Histórico e Artístico do Paraná, a condução dos trabalhos de recuperação e regaste da imagem original. Também foi iniciativa dos funcionários da Coordenadoria em encomendar outra escultura, em substituição àquela subtraída da Igreja.

¹² Gostaria de agradecer a colaboração e o auxílio da professora Dona Isa Maria Vieira Azim nos trabalhos de campos realizados em junho e novembro de 2012. Na primeira ocasião, ela não só me mostrou detalhes da Igreja do Senhor Bom Jesus do Saivá e seu Santo Caboclo, como cedeu generosamente seus textos manuscritos com as informações e a história da Igreja do Senhor Bom Jesus. Essa viagem ainda me possibilitou ver e fotografar a imagem original do Senhor Bom Jesus do Saivá, atualmente guardada e sob a responsabilidade da Irmandade, a fim de evitar outros infortúnios como os já ocorridos. Na segunda ocasião, o trabalho de campo realizado com todos os alunos do primeiro ano do curso de História (matutino e noturno), e juntamente com a professora de geografia Rosly Maria de Lima, Dona Isa se dispôs novamente a apresentar a Igreja e os meandros de sua história e de sua imagística.

Na ocasião era funcionário daquela entidade e fui incumbido de contatar com um santeiro para encomendar tal importante tarefa. Portador de uma fotografia e de dados referente às características da imagem original, o santeiro Lafaete Rocha, da cidade da Lapa aceitou tal desafio, e em pouco mais de trinta dias me entregou a encomenda. A réplica encomendada não parecia nada com a original. Era algum centímetro maior e a madeira de cor escura e sem pintura, bem diferente da original - referencia imagética da comunidade. A encomenda foi feita visando as comemorações da festa no dia 06 de agosto daquele ano e não haveria tempo disponível para que o santeiro pudesse fazer uma outra imagem, mais próxima da original. Resolvemos então entregar a imagem à comunidade. Feito um novo manto, e reconhecida pelo pároco, no dia 28 de julho do mesmo ano, a nova imagem foi recebida com festa em sua nova morada, a Igreja do Senhor Bom Jesus do Saivá de Antonina. A alegria foi contagiante pelos devotos, mas não deixaram de comentar sobre suas diferenças: o novo Santo era moreno e com pernas alongadas - bem diferente do original. Motivos causadores de murmurinhos e insatisfações das mais diversas. O Senhor Bom Jesus do Saivá - do santeiro lapeano Lafaete, passou a ocupar o nicho principal do altar de sua igreja e o povo católico o acolheu com fé e respeito.¹³

Embora não correspondesse às expectativas de alguns membros da comunidade, foi o Santo caboclo que permaneceu no altar. Todavia, a ausência do Santo original não arrefeceu os mais devotos: orações, novenas, promessas e poesias foram realizadas pelos fiéis mais piedosos para que a antiga imagem fosse encontrada.

O (grande) retorno do Senhor Bom Jesus a Antonina

Como já dito anteriormente, um ano e meio se passou até a prisão dos responsáveis pelo roubo. Espalhada a notícia, a cidade começou, então, a se preparar para a volta daquele que era o seu morador mais ilustre. Segundo os periódicos consultados na Secretaria de Cultura do Estado do Paraná, a imagem chegou a Antonina em 28 de julho, culminando com novenas preparatórias e a festa em sua homenagem. Em entrevista realizada em junho de 2012, Dona Isa

¹³ Eduardo Nascimento é professor aposentado do Departamento de Design da Universidade Federal do Paraná. Atua nas áreas das artes plásticas, fotografia e *design* gráfico, além de ter escrito várias obras literárias sobre Antonina. As referências e o depoimento citados foram extraídos do *blog* <http://palavrado.blogspot.com.br/2012/08/historias-e-estorias-x.html>. Acessado: 04 maio. 2013.

Azim nos relatou que a noite foi festiva, com a celebração de uma missa, queima de fogos e procissão luminosa. Além das orações em agradecimento por seu retorno, o Santo ganhou outra poesia, intitulada “Volta ao Lar”, de autoria da professora Neuza Azim:

Tangem os sinos, há flores pelos caminhos,
reflete a lua no verde espelho do mar,
Dora o sol nas montanhas e há festa nos ninhos
A natureza canta, canta sem cessar.

Sentimo-nos pequenos ante tal grandeza,
e também orgulhosos em poder prestar
Ao Senhor Bom Jesus em sua realeza,
Essa humilde homenagem por sua volta ao lar.

Peregrinos acorrem de longínquas terras,
E saltando obstáculos, transpondo terras,
No sagrado Santuário com devoção oram...

Ô Senhor Bom Jesus do Saivá voltei
Do céu Vosso olhar a todos nós e fizeti
Com que brotem sorrisos nos lábios que choram...¹⁴

Dona Isa ressaltou, também, que atualmente a imagem original encontra-se em poder dos membros da Irmandade, para garantir sua segurança, já que a Igreja não possui um sistema adequado para isso. Também nesse caso, a capela do Senhor Bom Jesus do Saivá, infelizmente, não é exceção. Em decorrência disso, é o Bom Jesus Caboclo que figura no altar-mor e permanece cotidianamente na Igreja. Do estranhamento inicial, hoje a comunidade tem por ele grande estima e veneração. No interior da simbologia religiosa, não representa apenas um substituto do Santo original, ao contrário, constitui, paralelamente à imagem setecentista, uma importante peça de devoção. Imbuída de todo o significado espiritual, o Santo Caboclo reflete a identidade cultural dos seus devotos, além de incorporar valores e atributos destinados aos objetos de culto e adoração.

¹⁴ Assim como a poesia anteriormente citada, essa também foi retirada do texto cedido por Dona Isa Azim (2010).

Considerações finais

Histórias que envolvem roubos de obras de arte sempre acenderam a imaginação popular e, ao mesmo tempo, deixam perplexa a sociedade em geral. Exemplos não faltam para ilustrar a mobilização que esses episódios geralmente promovem. Em Minas Gerais, Estado que tem uma das maiores concentrações de arte barroca do Brasil, o ano de 2003 foi um marco na luta pela preservação do patrimônio cultural. Nesse ano, foi deflagrada uma campanha, em Santa Luzia, que reclamava, na Justiça, a volta dos anjos barrocos pertencentes ao Santuário de Santa Luzia, na Região Metropolitana de Belo Horizonte, furtados na década de 1950. Os três anjos iriam ser leiloados numa galeria de arte no Rio de Janeiro (RJ), juntamente com centenas de outras peças encontradas em antiquários e em poder de colecionadores. Recentemente, o jornal *Estado de Minas* destacou que:

Para marcar a data e permitir a identificação, pelas comunidades, do acervo sob guarda do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (IEPHA/MG), Museu Mineiro e Museu da Inconfidência de Ouro Preto será aberta no dia 10 (de maio), na capital, uma grande exposição com obras apreendidas em operações policiais ou entregues de forma espontânea. A mostra no Museu Mineiro vai durar quatro meses e terá, na sequência, caráter itinerante (ESTADO DE MINAS, 20 abr. 2013).

Esse tipo de iniciativa, muito comum nos países europeus, é salutar e vem reforçar as ações dos órgãos responsáveis pelo patrimônio. Para a solução do caso de Santa Luzia foi criada uma força-tarefa, integrada pelas Secretarias Estaduais da Cultura e da Defesa Social, pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (IEPHA-MG) e pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), pelas Polícias Federal, Militar e Civil, pelo Ministério Público Federal (MPF), pelo Ministério Público de Minas Gerais (MPMG) e pela Associação das Cidades Históricas. Por trás dessa força-tarefa, estava toda uma campanha promovida pela comunidade de Santa Luzia, que

gerou de imediato uma ampla cobertura do caso nos principais jornais mineiros e, na sequência, na mídia nacional.

Segundo Marcos Paulo de Souza (Coordenadoria das Promotorias de Justiça e Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico), o grande problema é que muito pouco do acervo recuperado volta a suas comunidades. Em Minas Gerais, por exemplo, das 700 peças recuperadas no último decênio apenas 5% do total foi devolvido. As peças ficam em poder dos Museus, à espera de reconhecimento por parte das comunidades e responsáveis diretos. Por isso, a divulgação do acervo descoberto por meio de exposições, bem como a divulgação das peças encontradas nas investigações, é fundamental para a solução final dos casos.

Em ambos os episódios – o de Antonina e o de Santa Luzia, apenas lembrado nestas linhas conclusivas –, o que atraiu atenção foi a ampla mobilização social e a pressão da comunidade para o retorno de suas “imagens sagradas”.

Por tudo o que foi dito, é importante ressaltar que o caso de Antonina expressa muitas das questões referentes ao trato das questões patrimoniais no Brasil. Por outro lado, ele também é exemplar e, por isso, guarda particularidades, principalmente no que tange ao desfecho da história do furto. Além de dismantelar a quadrilha, os culpados foram presos e a peça foi devolvida à comunidade de origem em tempo recorde, se comparado com outros episódios dessa natureza. O desenrolar dos acontecimentos dessa história instigante, praticamente desconhecida nos meios acadêmicos, permite refletir sobre a questão da identidade como um fenômeno social e coletivo, como nos alertou Ulpiano Meneses em texto já citado. Do mesmo modo, o caso em evidência permite problematizar a tênue distinção entre *coisa* e *valor* e, por fim, como a noção de patrimônio local (ou regional) vem se construindo e consolidando nas pequenas e médias cidades brasileiras.

Para concluir, é necessário enfatizar que a grande mobilização social suscitada em torno da “peça original” do Senhor Bom Jesus do Saivá e a relação dialética que articulou etnia, classe social e ideologia, circunscrita à “peça cópia” – Santo Caboclo – representa um flagrante da vida dos antoninenses. O episódio, que se assemelha àqueles dos romances policiais, pode dizer, ou melhor, nos diz muito sobre a imagem, os valores e a identidade que a população de Antonina possuía nos últimos decênios do século passado e aquela que deseja forjar e urdir sobre eles mesmos.

Referências

AZIM, Isa Maria Vieira. *Senhor Bom Jesus do Saivá*. Texto manuscrito, gentilmente cedido por Dona Isa Maria Vieira Azim. Antonina, 02 maio. 2000.

BOSI, Alfredo. Colônia, Culto e Cultura. In: *A dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

FONSECA, Maria Cecília Londres. *O Patrimônio em Processo*. Trajetória da política federal de preservação no Brasil. 2.ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; MINC – IPHAN, 2005.

LEÃO, Agostinho Ermelino de. *Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense*. Paraná: Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, 1994.

LEÃO, Agostinho Ermelino de. Antonina. *Factos e Homens*. Da Idade Arqueolítica à Elevação a Cidade. Paraná/Antonina: Oficinas de Francisco J. Gonçalves, Prefeitura Municipal de Antonina, 1918.

MENESES, Ulpiano Bezerra Toledo de. A problemática da identidade cultural nos museus: de objetivo (de ação) a objeto de (conhecimento). *Anais do Museu Paulista. Nova Série*. São Paulo, n. 1, 1993.

MENESES, Ulpiano Bezerra Toledo de. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v 23, n. 45, p. 11-36, 2003.

NOLASCO, Simone Ribeiro. *Patrimônio Cultural Religioso: a herança portuguesa nas devoções da Cuiabá colonial*. Cuiabá: Entrelinhas/EdUFMT, 2010.

PAIVA, Clotilde Andrade. *População e Economia nas Minas Gerais do Século XIX*. São Paulo, 1996. Tese (Doutorado em História) - FFLCH/USP, 1996.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem a Curitiba e Santa Catarina*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1978.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagens pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Trad. Vivaldi Moreira. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1975.

SANTOS, Carlos Roberto Antunes. *Vida material e Vida econômica*. (Coleção História do Paraná). Curitiba: SEED, 2001.

TRINDADE, Etelvina Maria de Castro; ANDREAZZA, Maria Luiza. *Cultura e Educação no Paraná*. (Coleção História do Paraná) Curitiba: SEED, 2001.